

Universidade Federal de Santa Catarina  
Centro de Comunicação e Expressão  
Curso de Comunicação Social - Jornalismo  
Disciplina: Projetos Experimentais - COM 1401

Relatório do projeto

TRALHAS

A cultura açoriana nas comunidades de Campeche, Armação e  
Pântano do Sul.

Aluna= Glória Clarice Martins - 8318314 - 0  
Orientadora= Aglair Maria Bernardo

Florianópolis, dezembro de 1986.

Aos meus avós

José Paulo Pires

e

Lúcia Maria Pires

( in memoriam )

Tudo o que aqui existe  
merece admiração  
São coisas de um passado  
que mexe com o coração  
Agora fotografado  
vai virar exposição

Descendente direto de açorianos, cresci ouvindo falar de um tal Capitão Isidoro, responsável pela colonização de Campeche e Armação. Meu avô seria neto ou bisneto dele. O contato diário com moradores, suas histórias, seus costumes e atividades cria-va um desejo de preservação. Eu mesma sempre vivi dentro desse contexto. Tudo isso fez com que os valores culturais da terra me atraíssem.

Esta paixão, que está no sangue, não ficou restrita a nossa comunidade. Campeche foi adotada como segunda terra e Pântano do Sul, como a esperança de ver valores preservados. Sendo assim, estava em mente um bom motivo para pesquisar. Só não havia surgido a oportunidade.

Quando chegou o momento de fazer o projeto, as idéias eram muitas e os sonhos também. Surgia o momento de juntar o necessário ao agradável. Muito pouco registro existe sobre a cultura local, principalmente no sul da ilha.

Comunidades colonizadas pelos açorianos, Campeche, Armação e Pântano do Sul apresentam valores culturais importantíssimos. Porém o processo de urbanização chega e derruba os costumes e tradições. A política de turismo cria um modelo de desenvolvimento que gera um impacto com a cultura local. A descaracterização foi violenta em Armação, Campeche está sofrendo mudanças radicais e Pântano do Sul está sendo penetrada também por invasão turística e imobiliária.

Com a morte das pessoas idosas, a história vai desaparecendo, os objetos vão se perdendo ou sendo vendidos para os turistas e o patrimônio arquitetônico sendo derrubado. Isso se dá principalmente, por causa da introdução de nossos valores culturais trazidos pela exploração turística. É preciso questionar esse processo e preservar o pouco que resta.

Sempre ouvi, em comentários de moradores, que "as coisas antigas" precisavam ser fotografadas. Era a maneira mais palpável de registrar a memória daquela gente. Quando sugeriram que o projeto fosse em fotografia, as coisas se encaixaram. Surgia a oportunidade de trabalhar com um tema de interesse e contribuir para a preservação de nossa cultura. Com a fotografia, casas, igrejas, pessoas, atividades, costumes e objetos ficam gravados para sempre. Com isso também se mostra o valor cultural que está se perdendo e se questiona esta perda.

Fotografar era necessário. Mas como fazer? Sem financiamento, o projeto foi depender único e exclusivamente do curso. De início, surgem as dificuldades. O laboratório conta com poucas

máquinas e apenas algumas funcionam, ou melhor, quase funcionam. A falta de material é outra constante e a precariedade do laboratório, na hora da ampliação, traz sérias consequências. Tudo isso, aliado a minha falta de experiência na área fez com que o projeto deixasse a desejar.

Trabalhar com limitações é sério e complicado. Eu já sabia que teria problemas, mas continuei não só por teimosia. Era um objetivo a alcançar e um trabalho que eu sempre desejei fazer: criar uma memória fotográfica em nossas comunidades. Por isso optei pela fotografia.

Não foi fácil. Comecei pesquisando dados oficiais sobre a colonização na região. Praticamente inexitem registros. Uma ampla pesquisa bibliográfica me levou a livros, revistas e até documentos, mas quase nada encontrei sobre as três comunidades pesquisadas. Os poucos autores que tocam no assunto, apresentam dados desencontrados. Parti então, para o mais valioso: a HISTÓRIA VIVA. Os moradores contam muitos casos. Todos tem uma versão. As histórias e estórias são fascinantes. Essa pesquisa foi por demais importante para saber o que fotografar. Porém, de nada adiantava ter tudo isso registrado no meu caderninho ou em fitas.

Precisava fotografar logo, pois existem atividades que acontecem só uma vez no ano. Ai começaram os problemas mais sérios.

Só no dia 27 de setembro é que pude começar a fotografar. Essa demora se deu não só porque precisava concluir o trabalho de pesquisa, mas porque não consegui máquina disponível no curso. Tinha que contar com a sorte para achar alguma funcionando. Para ficar com a máquina nos finais de semana era preciso chegar primeiro, antes que algum outro aluno o fizesse. A competição não era fácil. Houve dias em que não consegui, e passava meus dias visitando as comunidades sem poder fotografar. Casos mais graves aconteceram. Por exemplo: não obtive a máquina para fotografar a festa do Divino, em Campeche e Pântano do Sul. Um fato tão importante na cultura dessas comunidades.

Além disso, adquirir fotos antigas foi difícil. As pessoas não tinham o hábito nem condições de fotografar e das poucas existentes, muitas foram jogadas fora. Quem tem alguma, guardam com excesso de carinho e tem medo de ceder. Afinal é relíquia sagrada.

O pior vinha por acontecer: quando consegui fotos antigas, algumas já acontecidas e até raridades, como por exemplo, as imagens roubadas da igreja de Armação e a derrubada da igreja do Pântano do Sul não foi possível reproduzi-las.

A mesa de reprodução do curso estava quebrada. A defasagem do projeto se torna mais visível.

Os problemas não paravam por aí. Quando, finalmente achamos uma máquina que funcionasse, até fiquei contente. No entanto, ela não aguenta um uso contínuo. Sua precariedade não precisa dizer que é uma PRAKTICA - me desperdiçou filmes e me fez perder fotos que não havia condições de refazê-las. Nestes últimos dias, ainda andava desesperada pelas comunidades, fotografando o que havia perdido. Tristeza maior, muitas dessas fotos se perderam novamente, por defeitos da máquina. O tempo se esgotava. Ficou humanamente impossível de refazê-las.

Parti para a ampliação. Novos problemas: não tinha papel. As ampliações só puderam ser feitas na sexta-feira. A pressa é inimiga da perfeição e além disso, nosso laboratório impede que a qualidade seja ideal.

As limitações foram demais e comprometeram, na certa, todo o trabalho. Não contava, ainda, com a doença que me tomou alguns dias de trabalho e foi uma constante neste ano.

Mas chega de lamentos. A realidade da universidade, em particular do curso de Jornalismo prova que é quase inviável fazer um trabalho dependendo apenas de seus recursos.

Apesar de tudo, o trabalho foi concluído. Para isso, cometi com ajudas valiosíssimas de adoráveis pessoas. Nem todos os objetivos foram alcançados, mas o principal foi cumprido. Creio que consegui registrar coisas que estão desaparecendo e com isso acredito mostrar o valor de nossa cultura e o perigo que ela corre.

Olhando as fotos, as pessoas poderão perceber que aquilo, que é costumeiro a elas tem valor cultural e poderão encara-lo com nova visão. Se o questionamento acontecer, o que não depende só de mim, o projeto ficará mais que concluído. E isso já está acontecendo: os vizinhos e parentes gostam de ver seus objetos nas fotos e começam a dar mais valor ao que ainda existe.

Se o que mostro é pouco, além de ser por problemas técnicos, e também por falta de material. Isso mostra como as coisas estão desaparecendo.

Esse trabalho pretendeu ser um percurso por nossa cultura local. Sem separações, caminhei pelas três comunidades e tecí uma rede, onde fica entalhado o modo de vida açoriano com sua arquitetura (que obrigatoriamente é em estilo português da metrópole), costumes, hábitos, objetos e atividades.

É uma recomposição de tudo isso para memorisar a história de nos-  
sa gente e reavivar seu valor. Fui do que ainda existe para o que  
está desaparecendo.

Dai o nome de TRALHAS. São objetos que as pessoas não usam  
mais ou estão jogando fora. Agora se quer dar uma nova dimensão a  
eles. Por outro lado, existe o ato de entralhar a rede de pesca.  
É costurar chumbos e cortiças nas malhas da rede. Assim se preten-  
de: Costurar os pequenos valores nas malhas da grande rede de cul-  
tura popular e jogá-la ao mar; de um grande povo açoriano.

O trabalho não pára com a exposição no Hall da Reitoria. O  
objetivo de levar esse estudo às comunidades deverá ser cumprido  
nas férias com exposição em cada uma delas. Afinal é lá, nas co-  
munidades, que espero ver essa pescaria dar bons peixes. Que esse  
engenho de boa farinha e todos possam prová-la.

LISTA BIBLIOGRÁFICA SOBRE CULTURA AÇORIANA E SUA RESPECTIVA  
LOCALIZAÇÃO;

- 1- CABRAL, Oswaldo Rodrigues. 1903-1978- Assuntos insulanos: contribuição ao estudo do povoamento de S.C. pelos casais açorianos e madeirenses. Fpolis. Prefeitura Municipal. 1948. 98p. (Biblioteca Central- UFSC)
- 2- CABRAL, Oswaldo Rodrigues. 1903-1978-História de Santa Catarina.Fpolis. Secretaria de Educação e Cultura. 1968. 430p. (Biblioteca Central)
- 3- CABRAL, O. R. 1903-1978- A vitória da colonização açoriana em Santa Catarina. Fpolis. Imprensa Oficial./s.d./ 48p. (Biblioteca Central)
- 4- CABRAL, O. R. 1903-1978-Os açorianos. Fpolis.Imprensa Oficial.1950. 106p. (Biblioteca Central- UFSC)
- 5- BDLÉO, Manuel da Paiva. O Congresso de Florianópolis: comemoração do bicentenário da colonização açoriana. Coimbra. /s. c. p./1950. 78p. (Biblioteca Central- UFSC)
- 6- CABRAL, O. R. Nossa Senhora do Desterro: Notícia I. Fpolis./s. d./ (B. Pub)
- 7- \_\_\_\_\_ . Nossa Senhora do Desterro: Notícia II. Fpolis. /s. d. / (Biblioteca Pública)
- 6- \_\_\_\_\_ . Nossa Senhora do Desterro: Memória I. Fpolis. /s. d./ ( Biblioteca Pública)
- 9- \_\_\_\_\_ . Nossa Senhora do Desterro: Memória II. Fpolis. /S. d. e./ (Biblioteca Pública)
- 10- CABRAL, O. R. Notícia sobre as ruas da Desterro colonial: 1940. Fpolis. /s, d. e./ (Biblioteca Pública)
- 11- CABRAL, O. R. 1970: As vistas panorâmicas da Desterro executadas por Brüggemann. Fpolis. /s. d. e. / (Biblioteca Pública)
- 12- PIAZZA, Walter Fernando. A colonização de Santa Catarina. Porto Alegre. Ed. Pallotti/BRDE. 1982. 311p. ilustr. ( Biblioteca Central- UFSC)
- 13- PIAZZA, Walter Fernando. 1925- Santa Catarina: história da gente. Fpolis. Lunardelli. 1983. 150p. ilustr. ( Biblioteca Pública)
- 14- PIAZZA, W. F. 1925- Santa Catarina: sua história. Fpolis. Editora da UFSC/Lunardelli. 1983. 750p. ilustr. ( Biblioteca Pública)



- 15- SOARES, Doralécio. Boi de mamão catarinense. Rio de Janeiro. MEC/  
FUNARTE. 1978. 39p. il, partiduras. (Biblioteca Pública)
- 16- PAULI, Evaldo. A fundação de Florianópolis. Fpolis. Edeme/UDESC. 1973.  
/s. p. / ( Biblioteca Pública)
- 17- CARUSO, Mariléa Martins Leal. O desmatamento da Ilha de Santa Catarina:  
de 1500 aos dias atuais. Fpolis. EDUFSC. 1983.
- 18- MENESES, Manoel de. Retalhos do tempo: p que vi, fiz, e ouvi. 2ªed.  
Fpolis. Edeme. 1977. ( Biblioteca Pública)
- 19- MEIRINHO, Jali. As instituições da cultura catarinense. Fpolis.  
Departamento de Cultura/Secretaria de Educação e Cultura. 1970.  
( Biblioteca Pública)
- 20- ROHR, Pe João Alfredo. O sítio arqueológico do Pântano do Sul: SC-F-10.  
Fpolis. Ed. do governo do estado. 1977. ( Biblioteca Pública )
- 21-GOMES, Oswaldina Cabral. A pesca. Fpolis. 1956. (Biblioteca Central)
- 22-BOITEUX, Lucas Alexandre. A pesca em SC. Fpolis. 1934. (bib. Central- UFS
- 23- CAMINHA, Carlos A. A pesca na Freguesia da Lagoa. Faculdade Catarinense  
de Filosofia. Fpolis. 1958 ( Biblioteca Central- UFSC )
- 24-CASCAES, Franklin. A pesca da tainha na Ilha de Santa Catarina. M.A/  
UFSC. Fpolis. 1978. ( Biblioteca Central- UFSC )
- 25- CARUSO, Raimundo C. Franklin Cascaes: vida e arte e a colonização  
açoriana. Fpolis. UFSC. 1981. 172p. il. ( Biblioteca Central-UFSC )
- 26- PIAZZA, Walter Fernando. Atlas histórico do estado de S.C. Fpolis.  
Departamento de Cultura/ S.E.C. 1970. ( Biblioteca Pública)
- 27- BOITEUX, Lucas A. 1953: Os açorianos e madeirenses em SC. In: Revis-  
ta do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. RJ, vol 219,  
abril/jun. 1953. p 122-69. ( Biblioteca Pública)
- 28- MENESES, Manoel de Souza. Os casais açorianos no povoamento de SC.  
In: Revista do Instituto Histórico da Ilha Terceira. Açores. vol X, 1952  
65 p. (separata) ( Biblioteca Pública)

- 29- PIAZZA, Walter Fernando. A vitória da cultura popular açoriana em SC.  
In: Revista do Instituto Histórico da Ilha Terceira. Açores. vol XVI,  
1958, 13 p. (separata) ( Biblioteca Pública)
- 30- PIAZZA, Walter Fernando. A colonização açoriana em SC: novas perspec-  
tivas. In: Revista do Instituto Histórico da Ilha Terceira. Açores.  
/ s.d./ ( Biblioteca Pública)
- 31- SANTA CATARINA, TERRA E GENTE. Fpolis. /s. d. e./ ( Biblioteca Pública)
- 32- SANTA CATARINA. R.L. Publicentro Comunicação e Marketing/ Graphos  
Indústria Gráfica. 1980. /s.p./ ( Biblioteca Pública)
- 33- DISON, Márcio. A pesca artesanal na Ilha de Santa Catarina: Ingleses  
e Barra da Lagoa. Curso de Jornalismo/UFSC. 1982. (Hemeroteca do  
Curso de Jornalismo)
- 34- ILHA DE SANTA CATARINA: Relatos de viajantes estrangeiros nos sec.  
XVIII e XIX. Fpolis. Assembléia Legislativa// Assessoria Cultural.  
1979. ( biblioteca particular - Sr Moré - Centro)
- 35- CABRAL, O. R. História de Santa Catarina. 2ª ed. Laudes. 1970.  
( Idem )
- 36- HISTÓRIA DE SANTA CATARINA. 1º vol. Grafipar. 1970. ( Idem ).

LISTA DOS JORNAIS QUE REGISTRAM FATOS SOBRE CULTURA AÇORIANA  
-BIBLIOTECA PÚBLICA-

- 1- O Novo Iris - 31/05/1850 e 13/10/1851
- 2- O Correio Catarinense - 04/05/1853
- 3- O Catarinense - 23/02/1861
- 4- O Cruzeiro do Sul - 03/06/1858  
12/09/1868
- 5- O Argos - 03/07/1860  
14/08/1860  
19/02/1861  
14/11/1866
- 6- O Conservador - 06/01/1877
- 7- O Mercantil - 26/10/1861
- 8- O Despertador - 10/12/1879  
07/08/1880

LISTA DE DOCUMENTOS SOBRE A COLONIZAÇÃO AÇORIANA NA ILHA  
DE SANTA CATARINA :- ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO

Referências para localização:

- 1- Ministério do Império - 1808/89
- 2- Registros do Governador da Capitania Provincial para diversos- 1823/29
- 3- Registros do Presidente da Província para diversos - 1875/89
- 4- Agentes de Paquetes - 1857/1907
- 5- Chefe de Polícia - 1855/1951
- 6- Delegado de Polícia-1842/92
- 7-Cartas Régias Imperiais - 1703/75 - 1824/89
- 8-Provisões do Conselho Ultramarinho - 1769/1808
- 9- Termo de juramento de naturalização - 1856/85
- 10-Registros de Terras e Colonização - 1856/98
- 11-Engenheiros - 1829/98
- 12-Comunicação as Colônias - 1866/81
- 13-Lei das Terras - 1854/70
- 14-Capitania dos Portos - 1846/91
- 15-Juízes de Direito - 1834/1966
- 16-Comunicação da Câmara Municipal - 1776/89
- 17-Cônsules - 1830/1940
- 18-Ministério da Agricultura - 1861/1952
- 19-Comunicação de diversos para Presidente da Província - 1748-1804  
1831/89